

Um olhar diferente sobre a rebelião catalã

Via [Sin Permiso](#)

Sobre o livro *Carta a un republicano español*

Daqui a algumas semanas, serão quatro anos desde que a revolta catalã abalou o Reino da Espanha. Estes foram acontecimentos que determinaram a vida política e, embora suas repercussões agora pareçam ter sido amortecidas, as causas que as provocaram permanecem sem solução. E é bem conhecido que os problemas não resolvidos tendem, de uma forma ou de outra, a reaparecer. Da muito prolífica produção literária e de pesquisa sobre a rebelião catalã, o livro *Carta a un republicano español* (Carta a um republicano espanhol) oferece uma perspectiva diferente, tem um público alvo definido e um objetivo específico. Foi escrito por Jordi Serrano (Sabadell, 1958), historiador e reitor da Universitat Progressista d'Estiu de Catalunya (UPEC), e publicado pela Bellaterra Edicions.

A maior parte da literatura publicada se concentrou em recontar os eventos de outubro de 2017, as razões por trás desta explosão de mobilização democrática, bem como os diferentes elementos para a elaboração de um balanço. O fio condutor do texto destaca o caráter republicano do movimento de emancipação nacional, com a iniciativa nas mãos do movimento de independência; rejeita aqueles que procuram reduzi-lo ao seu caráter identitário e, sobretudo, levanta a necessidade de uma perspectiva republicana, tanto para os movimentos de soberania e independência catalães quanto para os esquerdistas e democratas de todo o Estado.

O livro tem como interesse adicional o relato das diferentes tentativas de enfrentar o problema nacional catalão ao longo

da história e como todas elas foram ligadas às expressões políticas populares, de esquerda e republicanas; da Primeira República com Pi i Margall, que escreveu: “Vamos organizar o reino com base numa federação republicana”. Também nos primeiros tempos do movimento operário na Catalunha, as exigências sociais, democráticas e nacionais estavam sempre em uníssono e estavam muito presentes na efervescência revolucionária dos anos 30. O autor cita Andreu Nin, que em 1934 considerou “a proclamação da República Catalã como um ato de enorme transcendência revolucionária”. E foi também um elemento chave na mobilização anti-Franco. Manuel Sacristán, um renomado intelectual militante do PSUC, escreveu: “Somente a passagem por essa exigência aparentemente utópica de autodeterminação plena e radical, com direito à separação e à formação de estados, nos dará uma situação clara e boa”.

Esta revisão histórica também inclui as tentativas de enfrentar o problema durante a Transição, especialmente o “federalismo assimétrico” promovido por Pascual Maragall (que na prática representou uma aliança entre ERC e PSC), que o próprio PSOE se encarregou de liquidar. Porque o impulso pró-independência é a expressão do fracasso das outras rotas, e por isso mesmo tem um caráter republicano, uma ruptura com o regime monárquico. O que o livro apresenta para debate é que a resposta aos diferentes problemas no Reino da Espanha precisa de uma perspectiva republicana, na Catalunha e em toda a Espanha.

Qualquer leitor pode se sentir interessado no texto: aprenderão detalhes do processo de mobilização mais maciço que ocorreu na Europa nas últimas décadas; aprenderão sobre a história do republicanismo na Espanha e na Catalunha; ficarão irritados com a corrupção acumulada pela direita espanhola e catalã; e encontrarão dezenas de argumentos para convencê-los da necessidade de acabar com a Monarquia.

Mas o autor está interessado em um público-alvo específico: democratas e esquerdistas que se sentem republicanos, seja na

prática ou no pensamento, e que, por uma razão ou outra, não se sentiram preocupados com a rebelião catalã, não a entenderam ou até mesmo se opuseram a ela. Ele lhes oferece fatos e argumentos fraternais para convencê-los de que “a Catalunha é a guarda avançada do republicanismo na Espanha. A Catalunha se atreveu a desafiar o monstro, qualquer pessoa de esquerda na Espanha teria de simpatizar com ele”.

Este é um livro militante. Não é apenas uma enumeração de eventos, mas procura envolver o leitor na busca de um futuro republicano, insistimos, como uma resposta ao problema catalão e ao da Espanha. Para avançar nesta direção, uma de suas conclusões é: “Uma hegemonia republicana deve ser alcançada se alguém quiser resolver o problema espanhol”.

Uma advertência

No relato detalhado, e às vezes esmagador, dos acontecimentos, uma atenção especial é dedicada a mostrar a aliança dos poderes que estão no Estado, desde o Rei até os juízes, polícia e associações patronais, como reação ao republicanismo catalão e ao horror das classes dirigentes que este republicanismo poderia se espalhar para todo o Estado. Por esta mesma razão, esta Carta é também um aviso à esquerda e aos democratas para não olhar para o outro lado, porque o que está em jogo diz respeito a todos nós.

Não é difícil entender – dada a reação dos poderes monarquistas – o “vamos pegá-los”, o que significa derrotar aqueles que se rebelam e limitar direitos e liberdades para toda a população, não apenas para a Catalunha. A reação pode ir ainda mais longe. No livro está esta citação: “A Espanha é irrevogável”. Os espanhóis podem decidir sobre coisas secundárias; mas sobre a própria essência da Espanha, eles não têm nada a decidir”. Poderíamos ouvir isto de qualquer representante da direita, de VOX, dos PP ou C’s, mas vem de um passado distante que parece ter sido reavivado. É uma declaração do fundador do fascismo espanhol, José Antonio

Primo de Rivera, de 1934. O que está em jogo não afeta somente a Catalunha, nem somente a organização territorial dos diferentes povos e regiões que compõem o Reino da Espanha. O que está em jogo é a ideia das classes dominantes sobre o Estado e as liberdades, para cerceá-las ou negá-las (os espanhóis não têm nada a decidir sobre coisas essenciais) ou para reverter a longa e profunda crise do atual regime através de uma aliança republicana das diferentes forças políticas da esquerda e dos povos. Não há futuro em se agarrar à situação atual.

O livro começa com um excelente prólogo de Xosé Manuel Beiras (é surpreendente que seja anunciado em cartas tão mínimas na capa) apresentado como uma carta de resposta à Carta a um republicano español. Trata-se, de fato, de um diálogo entre republicanos no qual Beiras contribui com experiências que enriquecem a base para a compreensão do “exercício de um princípio cardeal republicano: a fraternidade”. O princípio de que todos os cidadãos livres, democratas e republicanos na pele de boi devem, ou melhor, devem praticar”.

Depois de qualquer experiência histórica, muitas vezes é difícil traçar o balanço e as lições para definir novas perspectivas. Kristin Ross, autora de vários livros sobre a experiência da Comuna de Paris de 1871, coloca desta forma: “A própria luta política produz novas condições, muda as relações sociais, muda os participantes do evento e sua própria maneira de pensar e falar; a própria luta cria novas formas políticas, novas formas de ser e uma nova compreensão teórica dessas formas. A dialética entre o vivido e o concebido [...] é uma verdadeira dialética, na qual algo não pode vir a ser pensado até que algo mais tenha acontecido”. (Luxo Comunal. O Imaginário Político da Comuna de Paris). Esta Carta a um republicano español representa uma contribuição para o balanço da rebelião catalã, uma reflexão sobre o que deve ser feito e um compromisso com outra perspectiva.